



CORREDORES ECOLÓGICOS E UNIDADES DE CONSERVAÇÃO COMO FORMA DE MINIMIZAR OS IMPACTOS DA FRAGMENTAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA

Hans Heinisch; Geraldo Majela Moraes Sálvio; Carlos Heinisch

INTRODUÇÃO

O Complexo de Ecorregiões da Mata Atlântica situado no Brasil está entre as florestas tropicais mais ameaçadas do mundo, tendo hoje apenas 7,4% dos seus 1.713.535 km² originais de cobertura florestal. A Mata Atlântica se estende desde as latitudes tropicais dos Estados do Ceará e Rio Grande do Norte, na costa Nordeste do Brasil até as latitudes subtropicais com clima estacional do Estado do Rio Grande do Sul. Estende-se do Oceano Atlântico para o interior, em direção oeste, passando pelas montanhas costeiras do Brasil até a bacia do Rio Paraná, no Leste do Paraguai e na Província de Misiones, na Argentina. (MMA; AB'SÁBER, 2003).

A biodiversidade da Mata Atlântica não tem distribuição homogênea, uma vez que as diferentes combinações de temperatura, altitude, solos, precipitação e distância do oceano ao longo de sua extensão criaram condições para a ocorrência de grupos únicos de espécies em áreas específicas. (HÖFLING & LENCIONI, 1992).

Apesar do alto nível de fragmentação em que se encontra, a Mata Atlântica ainda é um dos ecossistemas de maior biodiversidade da Terra, contendo cerca de 7% de todas as espécies do mundo. Surpreende não apenas pela diversidade, mas também pelo número de espécies endêmicas, o que faz esse Complexo de Ecorregiões prioritário para a conservação. Por esse motivo foi considerado "hotspot" de biodiversidade (WHITMORE & SAYER, 1994; NEWMAN, 1996; MYERS, 1988).

Tendo em vista a constante devastação, tornam-se necessárias medidas para diminuir os impactos causados pela fragmentação florestal nesse bioma.

Uma maneira de minimizar esses impactos e preservar os ambientes naturais é a criação de Unidades de Conservação (UC's). As Unidades

de Conservação, de acordo com a forma de manejo, contribuem para o sistema de suporte de vida silvestre, preservam a diversidade genética, contribuem para a utilização sustentável dos recursos, recreação e turismo, podendo, ainda, promover a ligação entre ecossistemas naturais por meio de corredores de vegetação ou corredores ecológicos, criando uma rede de áreas conservadas ao invés de um mosaico de fragmentos e matrizes, diminuindo os efeitos da fragmentação. (MORSELO, 2001; MMA, 2003).

OBJETIVOS

Este trabalho teve como objetivo analisar, através de revisão literária, a importância das Unidades de Conservação e dos Corredores Ecológicos como minimizadores dos impactos causados pela fragmentação da Floresta Atlântica.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia deste trabalho consistiu na revisão bibliográfica e na construção de texto segundo o objetivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Mata Atlântica foi responsável pela riqueza econômica do país através da exploração do pau-brasil e de outras espécies; até os anos 1970, este ecossistema contribuía com quase a metade de toda a produção madeireira do Brasil. (CAPOBIANCO, 2001).

Hoje, devido à redução crítica da sua área vegetal, à fragilidade dos seus fragmentos remanescentes e ao perigo de extinções, este ecossistema não pode mais ser tratado como um bem de consumo. Embora ainda possa gerar renda sustentável na forma de pesca, extrativismo e turismo, a Mata Atlântica deve ser valorizada pela sua importância econômica

indireta e pelos seus benefícios sociais. (DEAN, 1996; CAPOBIANCO, 2001).

Por causa do endemismo e do acentuado nível de degradação dos habitats, diversos mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes e invertebrados da Mata Atlântica são considerados sob risco de extinção. Pelo menos 28 vertebrados terrestres estão criticamente ameaçados, dos quais metade são pássaros. (CÂMARA, 1991; BERGALLO, 1999; BROOKS & BALMFORD, 2003).

Pode-se identificar como a principal causa da perda de biodiversidade desse ecossistema a fragmentação florestal que leva ao aparecimento do efeito de borda que altera os fatores ambientais através do aumento da incidência de luz em locais anteriormente cobertos por vegetação, diminuição da umidade e aumento da temperatura do ar e do solo, aumento dos ventos causando a derrubada de árvores dentro do fragmento que antes eram protegidas. (LOUZADA et al., 2001)

Identificados os principais problemas torna-se menos complicado traçar estratégias de conservação. Uma delas é a criação de Unidades de Conservação (UC's) que segundo o SNUC (2000) são: espaços territoriais e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, e tem como objetivos principais a conservação de limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção. Porém, fragmentos isolados, mesmo conservados como algum tipo de unidade de não cumpre totalmente todos os requisitos para a manutenção de espécies. Para que isso aconteça é preciso a conexão destas áreas. Outra estratégia que pode suprir essa deficiência das UC's é o estabelecimento de Corredores Ecológicos que tem como objetivo conectar fragmentos florestais permitindo o aumento da taxa de imigração, aumento da "home range", proteção para o deslocamento entre fragmentos e constituir refúgios alternativos contra distúrbios que possam ocorrer na paisagem, permite o aumento da população de determinadas espécies. (METZGER, 1999).

CONCLUSÃO

A Natureza levou milhões de anos para se desenvolver e agora está sendo destruída em pouco tempo pela ação humana. Um dos ecossistemas mais devastados de todo o planeta

se encontra aqui no Brasil e merece uma atenção especial. Neste trabalho foram apresentados duas estratégias, que se elaboradas de forma correta, podem levar a resultados satisfatórios podendo assim diminuir os impactos causados pela fragmentação da Mata Atlântica dando a todos um fio de esperança para a sobrevivência na terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ab'SABER, A. N. Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo; Ateliê, 2003.
- BERGALLO, H. G. A fauna ameaçada do estado do Rio de Janeiro. *Ciência Hoje*, São Paulo n. 26. p. 18 – 23. 1999.
- BRASIL. Lei nº 9985 de 2000, que dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Brasília. 2000
- BROOKS, T.; BALMFORD, A. Atlantic forest extinctions. *Nature*. London: n. 380, p. 115. 2003.
- CAMARA, I. G. Plano de ação para a Mata Atlântica. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica. 1991.
- CAPOBIANCO, J. P. R. (Org) Dossiê Mata Atlântica, 2001. Instituto socioambiental. São Paulo, 2001.
- DEAN, W. A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HÖFLING, E.; LENCIONI, F. Avifauna da floresta atlântica, região de Salesópolis, Estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Biologia*. São Paulo: *Revista Brasileira de Biologia*, v.52 p.361-378. 1992.
- LOUZADA, J. N. C., SOUZA, O. F. F., VAN DEN BERG, E. *Ecologia e Manejo de fragmentos florestais*. Lavras: Universitária/UFLA. Universidade Federal de Lavras. 2001.
- METZGER, J. P. *Estrutura da paisagem e fragmentação: Análise bibliográfica*. Academia Brasileira de Ciências, 1999, Rio de Janeiro: Anais. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, V.71. p. 445 – 463. 1999.
- MMA (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE). *Avaliação e Ações Prioritárias para a Conservação da Biodiversidade da Mata*

Atlântica e Campos Sulinos. Brasília: MMA/SBF, 2003.

MORSELLO, C. Áreas Protegidas Públicas e Privadas: Seleção e Manejo, São Paulo: ANNABLUME, 2001.

MYERS, N. Threatened biotas: hotspots in tropical forests. *The environmentalist*. Springer: University of Technology p. 178 – 208. 1988.

NEWMAN, E. I. Conservation and management of wild species. In: _____. *Applied Ecology*. Oxford: Blackwell Science. p. 241 – 288. 1996

WHITMORE, T.C.; SAYER, J. A. Deforestation and species extinction in tropical moist forests. In: _____. *Tropical deforestation and species extinctions*. Londres: Chapman e Hall., p. 1 – 14. 1994.